

MÚSICA GREGA CLÁSSICA

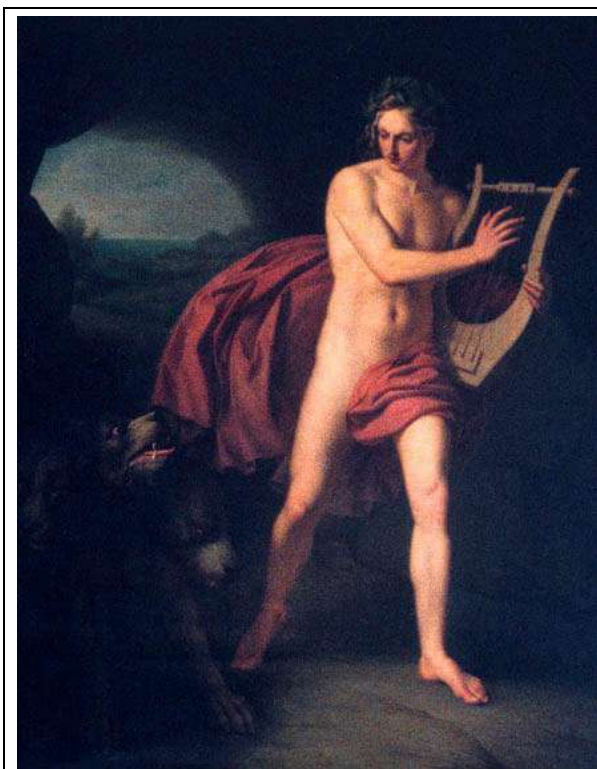
A cultura da Grécia antiga (c. séculos VII a.C. - I a.C.) contribuiu em larga medida para a origem da presente civilização ocidental. Mas, ao contrário da arquitetura e da escultura, por exemplo, que preservam grande número de exemplares em estado de conservação suficiente para serem bem estudados e compreendidos, a música da Grécia Antiga não pôde manter uma continuidade direta até os dias de hoje, mas não deixou de exercer influência significativa na cultura romana subsequente, dali se transmitindo à Idade Média através da teoria, com suas escalas, modos e noções de harmonia.

O que hoje subsiste da música daquela época são uma multiplicidade de referências literárias, inúmeras representações visuais de músicos em ação com seus instrumentos, e um sistema teórico, mas das obras propriamente ditas resta apenas um punhado de fragmentos com notação, cujo deciframento exato ainda é objeto de controvérsia.

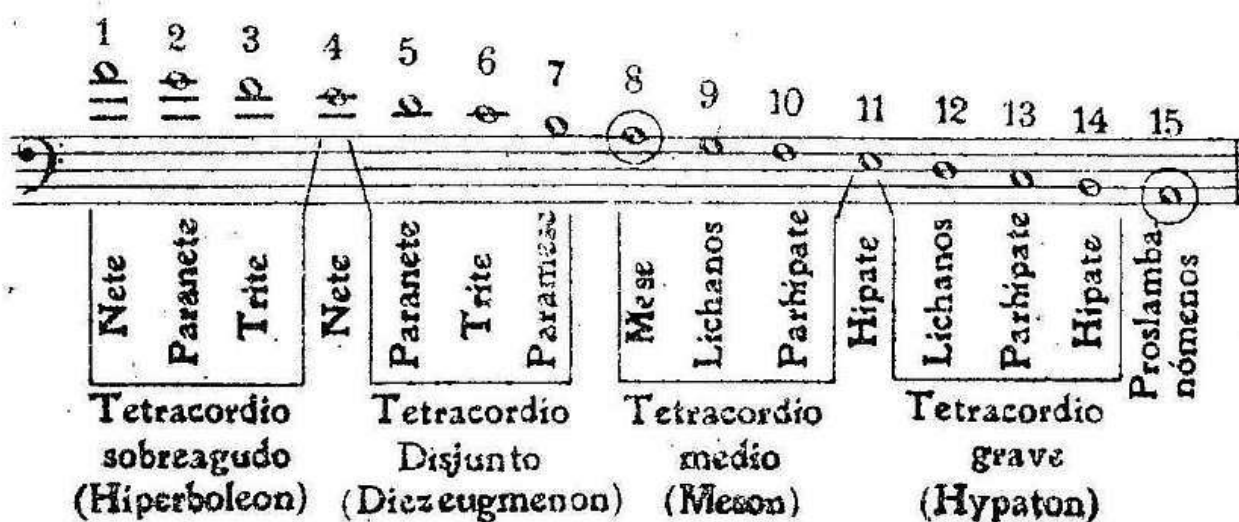
A música entre os antigos gregos era um fenômeno de origem divina, e estava ligada à magia e à mitologia, havendo várias histórias míticas relacionadas à origem da música e suas capacidades e funções. Alguns instrumentos e modos eram associados especificamente a certas divindades, como o *aulos* a Dionísio, e a *kithara* a Apolo. Além disso, registros diversos indicam que a música era parte integral da percepção grega de como o seu povo teria vindo à existência e de que continuava a ser regido pelos deuses.

Por exemplo, Anfião teria aprendido música com Hermes e teria construído Tebas através do poder do som; Orfeu podia tocar com tamanha doçura que até as feras quedavam absortas; Hermes teria inventado a lira, dada a Apolo em troca do gado que havia dele roubado. O próprio Apolo, depois assumindo o papel de Deus da Música e líder das Musas (das quais Euterpe tutelava a Música), é mencionado em competição com Mársias e Pã. Assim, estando presente em alguns de seus principais mitos, a música invariavelmente era usada nos ritos religiosos, nos Jogos Olímpicos e Pitios, nas festas cívicas, nas atividades de lazer e subsidiando outras formas de arte.

O elemento básico da música grega era o **tetracorde**, que consistia numa escala de quatro notas descendentes inclusas no intervalo de uma quarta justa, e os intervalos entre as quatro notas, sendo variáveis, definiam as modalidades diatônica, cromática ou enarmônica da peça musical grega.



**Orfeu encantando Cérbero
(guardião das portas do inferno grego)
com sua lira**



Significado de las cuerdas:

- | | |
|--|----------------------------------|
| 1.—Nete (última cuerda) | Tetrac. sobreagudo (Hiperboleon) |
| 2.—Paranete (anteúltima cuerda) | |
| 3.—Trite (tercera cuerda) | |
| 4.—Nete (última cuerda) | Tet. disjunto (Diezeugmenon) |
| 5.—Paranete (anteúltima cuerda) | |
| 6.—Trite (tercera cuerda) | |
| 7.—Paramese (cuerda vecina a la Mese) | |
| 8.—Mese (cuerda del medio) | |
| 9.—Lichanos (cuerda índice) | Tetrac. medio (Meson) |
| 10.—Parhypate (cuerda sobre la grave) | |
| 11.—Hypate (cuerda grave) | |
| 12.—Lichanos (cuerda índice) | Tetrac. grave (Hypaton) |
| 13.—Parhypate (cuerda sobre la grave) | |
| 14.—Hypate (cuerda grave) | |
| 15.—Proslambanomenos (cuerda agregada) | |

A justaposição de dois tetracordes, ao que consta concebida por TERPANDRO DE LESBOS, formava uma **harmonia** – palavra ainda não compreendida no sentido atual de sons simultâneos. Com a mudança de oitava dos tetracordes anexos para baixo ou para cima do tetracorde fundamental criavam-se os **hipomodos** (hipodórico, hipofrígio e hipolídio) ou os **hipermodos** (hiperdórico, hiperfrígio e hiperlídio).

O grande teórico da música grega antiga foi **PITÁGORAS**, considerado o fundador de nosso conhecimento de harmonia musical - a relação física entre as diferentes frequências sonoras (notas) e o efeito de suas combinações. Desde Pitágoras é sabido que as relações entre as frequências das notas musicais correspondem a *frações algébricas*: a oitava acima de uma nota pode ser conseguida *duplicando* o valor de sua frequência, sua vibração física; um intervalo de décima-segunda acima da nota pode ser conseguido *triplicando* o valor de sua frequência etc. Assim, os múltiplos das vibrações de uma frequências sonora (ou de uma nota musical) geram vibrações paralelas, inter-relacionadas matematicamente como frações (os **harmônicos**).

Também foi ele o sistematizador da associação de cada modo com determinado estado de alma, imbuindo-os de uma ética especial. Por exemplo, o modo dórico era considerado capaz de induzir um estado (*ethos*) pacífico e positivo, ao passo que o modo frígio era considerado subjetivo e passional, uma sensibilidade hoje em grande parte perdida, mas que pode ser vagamente comparada ao efeito das modernas escalas maior, convencionalmente usada para produzir uma impressão animada e alegre, e menor, usada para descrever estados melancólicos ou introspectivos. Também a ele se deve a análise da música sob a ótica de uma matemática transcendental, relacionando-a à constituição íntima do universo, concebido como uma estrutura criada e sustentada através de relações numéricas perfeitas que produziam a chamada música das esferas, a qual, entretanto, só poderia ser inteligível através do pensamento superior. Daí a ligação da música com a filosofia e a conseqüente codificação de uma série de regras éticas para composição e execução musical, a fim de que a música humana ecoasse a ordem perfeita do cosmo.

A música grega mais antiga não deixou qualquer registro. As primeiras menções se encontram na era homérica (c. 1100 a.C. – 800 a.C.), quando já havia uma considerável cultura musical nacional em pleno florescimento, baseada principalmente na récita de poesia acompanhada com instrumentos, do qual o mais comum era a *fórminx*, uma espécie de lira.

A notação musical grega foi elaborada apenas no século IV a.C., e servia principalmente para auxílio mnemônico privado dos músicos profissionais. Havia dois tipos de notação: a vocal, que utilizava letras do alfabeto grego maiúsculo, e a instrumental, empregando sinais do alfabeto fenício em posições variáveis. Além disso, outros sinais como pontos e traços eram adicionados para significar modificações.

Atualmente sobrevivem apenas poucos fragmentos de obras musicais da antigüidade, e apenas uma peça é completa, o breve ***Epitáfio de Seikilos***, uma melodia grega encontrada gravada em uma lápide perto de Aidin na Turquia (próximo a Éfeso). Também há na gravação a informação de que foi feita por um certo Seikilos, para sua esposa, presumivelmente enterrada no local. A maior parte dos fragmentos musicais data dos séculos II e III a.C. O mais antigo é do século V a.C., com só poucas notas inscritas em uma cópia da tragédia *Orestes*, de EURÍPIDES. Apesar de sua aparente simplicidade, o sistema notacional grego ainda não foi plenamente decifrado, e tudo o que se pode hoje reconstituir para execução prática é em base conjectural.

No século VI a.C. o **coro** passou a ter importante papel em eventos públicos, religiosos ou laicos, e a lírica coral se tornou um gênero autônomo, elaborando tipos definidos de composição para cada ocasião. Assim, eram entoados *ditirambos* em honra a Dionísio, *peãs* para Apolo, *epitalâmios* nos casamentos, *trenodias* nos funerais, *partênios* como canto de jovens, *hinos* em louvações variadas, e *epínicos* para os vencedores dos Jogos Olímpicos. Todas estas formas dependiam diretamente da estrutura e ritmo da poesia, e a origem do teatro grego está na evolução dos ditirambos cantados.

A teoria do **ritmo** recebeu grande atenção dos gregos antigos, comparável ao interesse contemporâneo por este aspecto da música, estando intimamente ligado à composição poética. O primeiro tempo, base do sistema, era definido pela nota *breve* (indicada pelo símbolo U), que duplicada formava a longa (indicada pelo símbolo -). A combinação de breves e longas gerava ritmos básicos, chamados de **pés**, análogos às fórmulas de compasso modernas. Havia assim o *iambo* (U-), o *troqueu* (-U), o *tríbraco* (UUU), o *dáctilo* (-UU), o *anapesto* (UU-), e diversos outros.

A justaposição de pés diversos formava os **metros**, e vários metros compunham uma frase ou *kōlon*. Por sua vez as frases de agrupavam em períodos e os períodos em estrofes, ordinariamente seguidas de uma reprise (*antístrofe*) e de um final (*epodo*), havendo grande minúcia na regulação das normas para uso adequado de cada espécie de composição.



C Z̄ Z̄̄̄ KIZ Ī̄̄ K̄ Ī Z̄̄̄ IK̄ Ō C̄ OΦ̄
 Οσον ζής, φαίνου, μηδέν όλως σύ λυπού,
 C̄ K̄ Z̄ Ī̄̄ K̄IK̄ C̄ OΦ̄̄̄ C̄ K̄ Ō Ī Z̄̄̄ K̄ C̄ C̄ CX̄J̄
 προς ολίγον εστί το ζήν, το τέλος ο χρόνος απαιτεί



**Foto do Epitáfio de Seikilos,
transcrição de trecho e
sua representação da melodia em notação moderna**

Alguns instrumentos se tornaram tradicionais:

- A **lira**, um instrumento de cordas tangidas afinadas segundo as notas de um dos modos, e fixadas em um arcabouço formado com o casco de tartaruga. Era usada como acompanhamento para recitativos e canções.
- A **kithara**, também um instrumento de cordas, mais complexo que a lira, possuindo uma caixa de ressonância. As cordas era tocadas com um plectro e podiam ser afinadas em diferentes alturas.
- O **aulos**, usualmente duplo (*diaulos*), sendo uma espécie de flauta com palheta, possivelmente produzindo uma sonoridade similar à do oboé ou clarinete.
- A **flauta de Pã**, também conhecida como *syrix*, constituída de uma série de tubos fixos juntos, de comprimentos diferentes, através dos quais o ar era soprado pela extremidade superior.
- O **hidraunlos**, um instrumento de teclado, precursor do órgão moderno. Empregava água sob pressão para produzir som através de movimento do ar nos tubos.



Efebo toca aulos em banquete, decoração de prato da Grécia antiga



Pã ensina Daphnis a tocar sua flauta, Estátua em mármore da Grécia antiga



Apolo com kithara, Estátua em mármore da Roma antiga

REFERÊNCIAS

LACHMANN, Robert. *Musica de Oriente*. Barcelona: Labor, 1931.

CATTOI. *Apuntes de acustica y escalas exóticas*. Buenos Aires : Ricordi Americana.

Wikipedia (<http://www.wikipedia.org>) .